



AS PRÁTICAS DOCENTES E ABORDAGEM SOBRE ZONOSSES NO ENSINO FUNDAMENTAL

TEACHING PRACTICES AND THE APPROACH ON ZONOSSES IN ELEMENTARY SCHOOL

Lívia dos Santos Fraga¹

Karen Medeiros Cardoso², Márcia Regina Pfuetzenreiter³

¹Universidade do Estado de Santa Catarina/Centro de Ciências Agroveterinárias, bolsista de iniciação científica PROBIC, lifraga@ioc.fiocruz.br

²Universidade do Estado de Santa Catarina/Centro de Ciências Agroveterinárias, bolsista de iniciação científica FAPESC, karen_19mc@yahoo.com.br

³Universidade do Estado de Santa Catarina/Centro de Ciências Agroveterinárias, professora orientadora, marcia@cav.udesc.br

Resumo

O estudo teve como objetivo identificar e correlacionar práticas e percepções de professores do ensino fundamental com relação às enfermidades transmitidas por animais domésticos. Os dados foram obtidos através de entrevistas realizadas com 12 docentes de duas escolas municipais de Lages, SC. Confirmou-se a pertinência da abordagem do tema nas escolas devido ao grande número de animais na região e relatos de casos de zoonoses. Porém, os professores dão pouca atenção à temática e não têm preparo para trabalhar os assuntos em associação com os conhecimentos pré-científicos e a realidade dos alunos. Os docentes indicam a família dos estudantes como principal entrave à efetividade do ensino em saúde, notando-se que o problema pode estar na desunião entre dois elementos-chave no processo de aprendizagem da criança: a escola e a família. Uma das soluções pode ser o incentivo à maior participação da comunidade no ambiente escolar.

Palavras-chave: educação em saúde, zoonoses, ensino fundamental

Abstract

The study aimed to identify and correlate practices and perceptions of teachers in elementary school in relation to diseases transmitted by domestic animals. Data were obtained through interviews with 12 teachers from two municipal schools of Lages, SC. This study confirms the importance of addressing the issue in schools because it is large number of animals in the region and reports of cases of zoonoses. However, teachers give little attention to the problem and are not prepared to work the issues in association with the pre-scientific knowledge and the reality of students. Teachers indicate the family of students as the main obstacle to the effectiveness of health education. However the problem seems to be the lack of union between two essential elements in the learning process of children: school and family. One solution may be the incentive for greater community participation in the school environment.

Keywords: health education, zoonosis, elementary teaching

1 INTRODUÇÃO

Zoonoses são aquelas enfermidades transmissíveis em condições naturais entre os animais e os seres humanos. De acordo com dados da World Health Organization (2002), pelo menos metade dos 1700 agentes conhecidos que infectam os seres humanos tem um vertebrado como reservatório animal ou um inseto como vetor, sendo que muitas doenças são zoonoses. Atualmente, têm-se observado a emergência e reemergência de algumas dessas enfermidades devido às trocas ecológicas, climáticas e sócio-culturais que levam a população animal a dividir seu habitat com o homem cada vez com maior frequência, como o aumento constante no número de animais de estimação, que ocorre em áreas rurais e urbanas (DABANCH, 2003; MARTINOV-CVEJIN et al., 1998). As zoonoses representam um importante problema de saúde para muitas coletividades, com elevadas perdas, principalmente em países em desenvolvimento e seu controle efetivo representa um desafio para a saúde pública (GENNARI et al., 1999; SÃO PAULO, 2004). Uma das principais medidas de intervenção para o controle dessas doenças nas comunidades baseia-se na educação em saúde.

O contato com animais, apesar de ter como inconveniente a maior exposição às zoonoses, traz inúmeros benefícios físicos e emocionais aos humanos (DABANCH, 2003; DELARISSA, 2003). Sabendo-se disso, não se priorizam ações educativas que incentivem a população a se privar da companhia de animais, porém conscientizá-la da importância da adoção de medidas que tornem essa convivência harmônica e saudável.

O termo vulnerabilidade, muito utilizado no campo da saúde pública para indicar grupos identificados como mais susceptíveis a uma determinada enfermidade, tem guiado algumas ações preventivas, mais compatíveis e específicas a cada grupo, podendo assim ter mais sucesso em seus objetivos. Em relação às zoonoses, as crianças são o grupo etário mais vulnerável, devido à grande afinidade com animais, associada a hábitos de higiene ainda não consolidados e à imaturidade qualitativa e quantitativa de seu sistema imune (TORTAJADA et al., 2002; SÃO PAULO, 2004). Além do grupo etário mais susceptível, têm-se as populações de baixa renda como altamente vulnerável às enfermidades transmitidas por animais domésticos, assim como às doenças infecto-contagiosas em geral, pela proximidade com locais de proliferação de vetores e à falta de acesso à educação em saúde (VALLA, 1992; HEUKELBACH et al., 2003).

Diante deste quadro de vulnerabilidade, percebe-se a importância de ações educativas sobre zoonoses com crianças de baixa renda, sendo a escola pública o melhor local para encontrar essa parcela da população. Em Santa Catarina, segundo dados do PNAD 2007 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), 99% das crianças e adolescentes de 7 a 14 anos de idade estavam na escola. Quanto à cobertura segundo a rede de ensino, a pública foi preponderante, com percentual de 87,9% de atendimento aos que frequentavam o Ensino Fundamental. Estes dados demonstram o quão importante é o trabalho sobre saúde, especificamente as zoonoses, nas escolas públicas (IBGE, 2007).

Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) regulamentam que a saúde é, assim como o meio ambiente, um tema transversal no currículo escolar do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997). Isto significa que o assunto permeia diversas áreas do conhecimento, não devendo ser abordado em apenas uma disciplina e série, podendo ser tratado em diversos momentos, relacionado a outros assuntos. Há recomendações para que os conteúdos sejam trabalhados estabelecendo-se relações entre seres humanos e animais.

Mesmo com essas recomendações dos PCN's, ainda hoje o ensino em saúde não consegue atender às necessidades da população, com relação principalmente à saúde, devido a inúmeras causas. Dentre elas, podemos citar a pedagogia vigente no ensino de ciências de forma geral, denominada por Freire (2001) como "pedagogia bancária", na qual o aluno é visto pelo professor como uma conta zerada, na qual irá depositar conhecimento de maneira vertical. Esta forma de ensino desconsidera que os estudantes chegam à escola com conhecimentos chamados "pré-científicos", ou seja, noções construídas a partir de interações familiares, aspectos sociais, econômicos e culturais e que influenciam diretamente na maneira com a qual os estudantes

interpretam o conteúdo repassado pelo professor (GIORDAN, 2000; ONYANGOUMA et al., 2004; SCHROEDER, 2007).

Além disso, associa-se a esta pedagogia o modelo biomédico hegemônico, no qual a doença é estudada a partir de agentes etiológicos, hospedeiros e vetores, o que não permite ao aluno entender a saúde de forma global, resultante de inúmeras variáveis, não só biológicas (MONTEIRO et al., 2006; CITELI, 2006). Aliada a esta forma predominante de ensino, está a ineficiente capacitação do professor em sua formação acadêmica quanto ao tema educação em saúde e a percepção de muitos professores sobre a sua não responsabilidade em abordar temas relacionados à saúde, entendendo isso como tarefa apenas dos professores de Ciências e Biologia (MOHR e SCHALL, 1992; VALLA, 1992; GRYSZPAN, 1999; SANTOS, 2005; LEONELLO e L'ABBATE, 2006; MARQUES, 2007).

Segundo Magalhães (1996), o professor é um elemento chave do sistema educacional, pelo grande potencial de influência sobre seus alunos, resultante da ação direta e constante com estes. Então, deve-se analisar o problema a fim de conhecer suas origens e, a partir daí, desenhar sítios de atuação para tornar o professor importante figura no processo de educar sobre saúde. Muito se fala sobre a importância do docente no ensino em saúde, considerando-o como um dos principais atores no processo de construção de hábitos de higiene e de prevenção de doenças em crianças, porém muitas vezes não se leva em consideração os reais problemas enfrentados por esse profissional em seu dia-a-dia que podem influenciá-lo na maneira como ele aborda (ou deixa de abordar) temáticas em saúde com seus alunos. Por isso, o foco deste estudo foi obter o ponto de vista e práticas de professores quanto ao ensino em saúde, mais especificamente sobre zoonoses e animais domésticos, relacionando-se os dados obtidos com os resultados das entrevistas com estudantes a respeito de suas concepções e práticas sobre o mesmo tema.

Entendendo o professor do ensino básico como grande ator da educação em saúde e sabendo que há indícios fortes e muitos trabalhos indicando que o ensino em saúde não está sendo eficiente na prevenção de doenças de escolares há a necessidade de estudos que investiguem a opinião do professor e suas práticas no ensino em saúde. Dessa forma, ao invés de apenas delegar ordens à classe docente, pode ser facilitado o desenvolvimento de políticas que sejam apoiadas pelos professores e que permitam um ensino efetivo sobre saúde, e é nesta linha de pesquisa que se enquadra o presente estudo.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo, no qual a coleta de dados ocorreu através de entrevistas semi-estruturadas realizadas com 12 professoras que lecionam nas séries iniciais do ensino fundamental de duas escolas municipais de Lages, Santa Catarina. Foram escolhidas as escolas em que havia sido feita pesquisa anterior por Fraga et al. (2007): a Escola Municipal Hermínio Pinheiro Júnior e a Escola Belizária Rodrigues. As docentes foram selecionadas através de sorteio, sendo entrevistadas professoras na faixa etária entre 28 e 52 anos, com diferentes graus de atuação e tempo de docência.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – sendo realizados os devidos procedimentos éticos na execução do mesmo. As entrevistas foram realizadas em espaço cedido pelas próprias escolas e gravadas em gravador digital, sendo omitidos os nomes dos participantes. Todos os dados foram mantidos em sigilo e em poder dos pesquisadores, garantindo a preservação da identidade dos sujeitos da pesquisa. Os entrevistados receberam um código alfa-numérico indicando a categoria da população investigada (letra D para as docentes) e o número indicativo da ordem de entrevista. As entrevistas foram transcritas na íntegra para posterior análise dos dados.

3 RESULTADOS

3.1 Educação em saúde na formação das professoras

Das 12 professoras entrevistadas, cinco fizeram magistério, pedagogia e pós-graduação, sendo importante frisar que uma delas fez especialização em Temas Transversais; quatro formaram-se em magistério e pedagogia; duas apenas em pedagogia; e uma cursou só o magistério.

Apesar da diversidade no grau de formação das entrevistadas, a resposta ao questionamento sobre como a educação em saúde foi abordada durante a preparação para a docência foi quase unânime: insatisfatória. Segundo o relato de 11 professoras o tema foi pouco ou quase nada trabalhado tanto no magistério quanto na faculdade de pedagogia. A professora com pós-graduação em Temas Transversais (D10) afirmou que mesmo na especialização feita, a abordagem sobre saúde deixou a desejar.

Olha, para dizer a verdade, em matéria de saúde, acho que muito pouco. Eu tive até um trabalho, mas foi na Pós-graduação [...] O assunto saúde foi bem pouco. **Você acha que foi satisfatório?** Muito pouco. (D10)

Em contraposição, a docente que se mostrou satisfeita com a abordagem do tema saúde em sua formação foi a que fez apenas o magistério.

Foi bem acessível, aonde se trata bem a fundo a saúde, que tem muitos problemas, atingindo para que haja mais uma prevenção, para eliminar o problema... **Você acha que foi satisfatório?** Sim, foi bem acessível [...] (D03)

As professoras relataram que os conteúdos abordados superficialmente na formação foram higiene pessoal da criança, alimentação e prevenção de doenças em geral, não havendo citação sobre a abordagem de zoonoses. A professora com pós-graduação em temas transversais disse que em sua especialização o único assunto em saúde que foi aprofundado foram as doenças sexualmente transmissíveis (DST's).

Apesar da pouca formação relatada na área, 11 professoras se sentem preparadas para trabalhar o tema saúde nas séries iniciais, mas sete afirmaram que para isso precisariam buscar mais informações. Apenas quatro professoras disseram que trabalhariam o tema sem necessidade de pesquisas anteriores, estando neste grupo a professora que afirmou ter sido satisfatória a abordagem sobre saúde em sua formação e a que fez pós-graduação em temas transversais. A única docente que disse não se sentir preparada para abordar o tema foi a D09:

Preparada, não, porque saúde, dentro das Ciências, da Biologia, é um tema específico, e nós professores de Pedagogia não temos essa especialização. (D09)

3.2 Abordagem do tema saúde e zoonoses na escola

Todas as professoras julgaram importante a abordagem das zoonoses com os alunos do ensino fundamental, relatando que ela ajudaria na prevenção de doenças, algumas ditas frequentes na região, e no problema do grande número de animais nos locais investigados, dado confirmado pelo trabalho de levantamento feito com as crianças e pelas observações feitas pelas pesquisadoras durante as visitas às escolas. Viu-se um grande número de animais ditos “vadios” ou errantes nas ruas dos bairros. Foi citado que a escola deveria abordar o assunto por muitos de seus alunos virem de famílias sem muita instrução e de ambientes onde estas enfermidades são comuns, podendo ser então a única fonte deste tipo de informação.

O problema é que, quando questionadas sobre a abordagem do tema com os estudantes, observou-se que, apesar de muitas relatarem abordar as zoonoses com seus alunos, apenas três professoras já trabalharam realmente este assunto como tema de aula, seis o abordaram superficialmente e três afirmaram que nunca comentaram algo referente aos animais como conteúdo

de aula. Entre os temas abordados, foram indicados a posse responsável de animais, higiene no contato com animais e doenças transmitidas por eles.

É fundamental, principalmente começando pela higiene, por que tem criança que não tem noção de nada [...] A higiene depende da situação deles também. Mas muitas vezes é relaxamento mesmo. Eu tive um aluno que ficou afastado por causa de sarna [...] E em casa, eu não fui, mas o pessoal foi, todo mundo com sarna, cachorro, [...] (D05)

É importante relacionado à saúde, né? É por que eu tenho alunos que são muito carentes, eu tenho alunos que não têm banheiro em casa, eu tenho aluna que ficou 15 dias sem vir por que estava com sarna, dorme com o cachorro junto, já foi passado para o Apoio, para a escola, já foi visitada a casa, ela não tem banheiro, a mãe é separada, tem mais três filhos juntos [...] (D04)

Sim, com certeza, um caso que eu vi foi, a mãe disse que não, [...] a menina pegou sarna, a médica até disse que era sarna de cachorro, então... nós dissemos, trate, cuide para ver o que pode ser, e a médica orientou isso. (D12)

Os três casos supracitados sobre a sarna foram casos diferentes, indicando que a sarna é uma enfermidade freqüente no local. Mesmo assim, apenas duas professoras afirmaram ter abordado a doença em sala de aula.

A raiva, que tem que vacinar, que os animais não podem estar soltos assim [...] os casos de maldade que contam que fazem com os animais... então você trabalha também. E o cuidado que tem que ter justamente nisso, por que se a criança está lá assim (com sarna), imagine os animais (que eu acho que tinham uns quatro). Trabalho principalmente a raiva, depois a sarna [...] (D05)

Foi trabalhado as doenças contagiosas, sarampo, sarna, piolho, rubéola, que é uma doença muito perigosa, além de ser contagiosa, coqueluche... (D06)

3.3 Dificuldades para a abordagem sobre temáticas em saúde e zoonoses

Os professores se queixam que a maior dificuldade que eles têm para trabalharem temáticas em saúde e zoonoses são os hábitos que os alunos adquiriram em seus lares e as condições socioeconômicas da família.

Como visto no item anterior, as professoras afirmam que trabalham aspectos relacionados à saúde, mas reconhecem que há diferença entre aquilo que os estudantes aprendem e o que eles realmente colocam em prática. E repassam toda a culpa desse distanciamento entre conhecimento e práticas dos alunos para a família, indicando que os hábitos em casa impedem a criança de colocar em prática o que aprendeu na escola, por resistência dos pais ao novo conhecimento ou despreocupação com a saúde. As professoras afirmam que a questão socioambiental também é um grande fator limitante à adoção de práticas saudáveis, o que pode ser observado nos relatos a seguir. Nenhuma das entrevistadas mencionou a possibilidade de os alunos não converterem o aprendizado em saúde adquirido na escola em práticas diárias pelo modo como esse conhecimento é repassado ou pela falta de uma abordagem mais profunda sobre a temática.

É raro, eles sabem o certo mas não fazem, e não fazem isso, devido a família que não se preocupa. **Você acha que eles...** sabem o certo mas ainda vêm sujos pra escola, eu acredito que a orientação no papel e no diálogo não é o suficiente por que daí o professor vai fazer tudo? Isso vem da família pegar junto com a escola. **Por que**

acontece isso? Acontece devido a necessidade da família, a mãe tem que sair para trabalhar, geralmente os filhos ficam sozinhos, vivem na rua e aí como é que vai acontecer um ato desse? Fica sempre, vai e vem do mesmo jeito. (D03)

Mas, como eu te falei, na vivência em casa não tem como, por que é difícil na realidade deles, (a gente ensina) "ah, tem que tomar banho", mas em casa não tem chuveiro, aí como que vai fazer então? "ah, a mãe dá banho de balde, a mãe me lava com balde..." (D04)

Tem duas meninas (a gente não deve citar nomes, é claro), que sempre têm um cheiro bem forte de xixi, os coleguinhas falam, eu conversei com elas, mas não mudou porque não tem banheiro em casa, não tem água encanada, então é um problema ainda. (D01)

Existe sim, existe a conscientização dos pais, porque às vezes eles levam lá doentes, como agora teve esse problema do rotavírus, e muitos não dizem que estão com isso. E acaba que você vai falar com os pais, e ainda acham que nós somos erradas porque nós estamos inventando doenças. Então eles não estão nem aí, a gente quer ajudar, ajudar, mas não tem... A gente fala, fala, fala, mas eles nem... Por falta de orientação, acho que deveriam ter uma orientação mais assim. Ou têm e não querem dar o braço a torcer. (D12).

Observou-se um grande descompasso entre elementos que deveriam agir conjuntamente para efetivação de conhecimentos relacionados à saúde do estudante: a família e a escola. As professoras dizem abordar assuntos sobre o tema, mas parece que isso não ocorre de maneira freqüente, indicado pelos próprios relatos das docentes. Observa-se uma culpabilização da família, enquanto o que parece também existir é uma falta de preparo das professoras para trabalhar com as concepções pré-científicas de seus alunos e para lidar com os obstáculos impostos pelo meio e pelas condições socioeconômicas nas quais vivem os estudantes.

3.3.1 Conhecimentos pré-científicos

Especificamente sobre noções prévias dos alunos a respeito de questões relacionadas à saúde, a maioria das docentes (11) afirma fazer um levantamento prévio antes de trabalhar essa temática. A professora que não foi incluída nos resultados dessa questão foi porque não entendeu a pergunta. Porém o modo como a maioria das professoras faz esse levantamento não parece muito eficaz, já que todas afirmaram fazer perguntas um pouco antes de abordarem o tema, havendo poucas citações sobre a importância das observações feitas ao decorrer do ano letivo sobre o contexto do aluno, ou seja, seus aspectos sociais, culturais e econômicos para que se possa melhor abordar o assunto saúde e zoonoses.

[...] você vai comentar, vamos supor, sobre higiene. Como você faz: "quem tem banheiro em casa?", por que de repente você se surpreende. Tem criança que não tem. [...] E daí você colhendo assim [...] (D05)

Vejo o conhecimento prévio, os conhecimentos que eles têm a respeito daquilo [...] Porque as crianças hoje em dia, tem Internet, televisão, às vezes eles vêm até com alguma novidade que você não tava preparada pra responder. (D10)

4 DISCUSSÃO

Ao verificar a formação das professoras na área de educação em saúde, a maioria delas considerou ineficiente a preparação para a abordagem sobre temáticas em saúde com seus alunos, não havendo influência do grau de formação sobre essa resposta. Especificamente sobre zoonoses, nenhuma professora citou que esse assunto foi se quer abordado durante a formação para a docência. Leonello e L'Abatte (2006), em entrevistas com alunos de pedagogia, observaram que 65% não perceberam a abordagem em saúde no currículo, logo ela não estava presente ou não era explicitamente colocada no conteúdo curricular durante a formação acadêmica. Valla (1992) percebeu que as formações universitárias dos profissionais de educação revelam lacunas justamente nas áreas de conhecimento que se relacionam com os problemas de aprendizagem de crianças populares, vigilâncias epidemiológica e sanitária e saneamento básico. Isso indica que realmente há uma deficiência na formação de professores quanto às temáticas relacionadas à saúde. O que causa estranhamento e preocupação é o fato de, mesmo relatando a falta de um embasamento teórico, a maioria das professoras se sente preparada para trabalhar questões de saúde com seus alunos, podendo dessa forma haver equívocos tanto no conteúdo a ser repassado quanto na maneira de abordagem das temáticas.

No relato da única professora que afirmou não estar preparada para ensinar sobre saúde e zoonoses, observou-se que ela entende esta atividade como tarefa dos professores de Biologia e não dos docentes em geral. Esta percepção também foi detectada no estudo de Grynszpan (1999), no qual percebeu-se que tanto a educação em saúde como a ambiental são vistas como responsabilidade apenas dos professores de Ciências.

Todas as docentes afirmaram que acham importante que temas relacionados à saúde e enfermidades transmitidas por animais domésticos sejam trabalhados com os estudantes das séries iniciais, mas poucas fazem isso, mesmo havendo relatos de casos de sarna em alunos e familiares e altos índices de animais na região, já que 92% das crianças afirmaram ter ao menos um animal de estimação. Nas tendências recentes para a educação em saúde na escola, preconiza-se a abordagem de questões tentando-se estabelecer conexões entre saúde e sociedade com tópicos que incluem os problemas de saúde que vêm sendo enfrentados pela sociedade na atualidade e aqueles específicos da população na qual a escola está inserida (GIORDAN, 2000).

Pelo que se viu nessa experiência, essa recomendação não está sendo aderida e isso pode tornar o aprendizado em saúde algo distanciado da realidade das crianças, o que dificulta o entendimento dos alunos. O fato de apenas um aluno ter citado a escola como fonte de informação sobre as zoonoses reforça a idéia de que algo deve ser modificado com relação ao ensino formal em saúde. Pelo que se observou, há uma falta de atenção ao tema saúde, mas também pode estar associado a isso a maneira com a qual as professoras estão trabalhando os conteúdos, que podem estar sendo repassados de modo tão formal que os alunos não conseguem observar sua aplicabilidade cotidiana ou estão se sobrepondo às noções prévias dos alunos.

Entrando no campo dos conhecimentos pré-científicos, em trabalho anterior Fraga et al. (2007) observaram que quase 90% das crianças afirmaram saber que os animais podem transmitir doenças aos humanos, porém apenas 67% restringem seu contato com os animais. Um estudo de Martinov-Cvejic et al. (1998) sobre o conhecimento de crianças a respeito de raiva revelou que, embora a maior parte das crianças tenha conhecimento sobre a prevenção da doença, algumas não apresentam conhecimento suficiente e não adotam hábitos próprios de higiene quando do contato com animais. Isto indica que os alunos têm conhecimentos a respeito das zoonoses, porém não os colocam em prática no dia-a-dia. Fraga et al. (2007) observaram que a dificuldade consiste no estudante não perceber que os conhecimentos aprendidos no ensino formal deverão estar presentes e ser utilizados na vida cotidiana com o propósito de melhorar sua qualidade de vida. Esse é um grande desafio encontrado pela educação em saúde e as professoras reconhecem essa diferença entre o aprender e o colocar em prática os ensinamentos, mas “culpam” apenas a família dos escolares, porque algumas resistem em mudar antigos hábitos, por falta de instrução ou por despreocupação com questões de saúde. Nenhuma docente cogitou que o erro pode estar relacionado à maneira com a qual abordam (ou deixam de abordar) os temas relacionados à saúde.

Sendo informações corretas ou não, percebeu-se que a família assume importante papel na transmissão de conhecimentos para a criança, contribuindo para que os estudantes entrem na sala de aula com alguns conceitos pré-formados e que acabam sendo mais aplicáveis ao seu cotidiano do que aqueles conhecimentos repassados na educação formal. Zylbersztajn (1983) comenta que crianças e adolescentes desenvolvem concepções alternativas como forma primitiva de compreensão e, algumas delas resistem à instrução. Mais que a aplicação de técnicas e repasse de culpa da não aprendizagem à família, o problema exige, por parte dos professores, uma reavaliação do papel do aluno e, conseqüentemente, uma reavaliação do seu próprio papel como educadores.

Tendo em vista a importância desses conhecimentos pré-científicos na aprendizagem de estudantes, entende-se que levantamentos prévios a respeito do tema a ser trabalhado em sala de aula devem ser feitos cautelosamente e com muita atenção. Neste estudo, as professoras afirmaram praticar a coleta de informações antes de começarem a trabalhar um tema em saúde, porém a fazem aparentemente de maneira rápida e descompromissada, podendo dessa forma se negligenciar importantes concepções prévias dos alunos, levando a um aprendizado ineficiente, no qual a criança aprende o conteúdo, mas não o coloca em prática. Em um estudo longitudinal Onyango-Ouma et al. (2004) avaliaram as mudanças conceituais de saúde e doença em crianças que foram submetidas a uma intervenção em educação em saúde. Os resultados mostraram que foram adquiridos novos conceitos de saúde, algumas vezes com incorporação de elementos das concepções antigas, demonstrando mais uma vez a importância do trabalho de levantamento dos conhecimentos pré-científicos dos estudantes.

Mostra-se necessário que os professores sejam conscientizados sobre a importância do seu papel dentro da educação em saúde, que é uma forma de provocar mudanças de comportamentos nas crianças que levem à promoção da sua saúde e de seus familiares (BORUCHOVITCH e MEDNICK, 2000; MARCONDES, 1972; ROCHA, 2003; SANTOS e CICILLINI, 2004; SCHROEDER, 2007). Além disso, deve haver a preparação dos alunos para que eles interajam com o meio onde vivem e para exercerem a cidadania. Muitas professoras citaram que o ambiente muitas vezes dificulta a adoção de práticas saudáveis, como a ausência de banheiros e rede coletora de esgoto nas residências. Este obstáculo poderia ser utilizado como mais uma ferramenta para o ensino com uma visão global de saúde, onde podem ser abordadas questões como a influência do ambiente na saúde e como melhorar a situação do bairro, como reivindicar por melhores condições de vida. Assim como o fato de a família interferir no processo de aprendizagem poderia ser um incentivo para que as professoras buscassem maior participação da comunidade nas atividades da escola, através de campanhas de prevenção de zoonoses, palestras e aulas estendidas aos pais, como forma de conscientização.

O que se observou foi que as professoras não estão preparadas para abordar a saúde como um tema amplo, dependente de vários fatores, como experiências e vivências dos alunos, questões culturais, sociais e ambientais. Teixeira (2003) sugere uma modificação no perfil clássico da ação pedagógica dos educadores, para que tenham uma visão mais ampla do papel da escola na sociedade, com uma concepção de educação e de cidadania que aponte para a transformação social e um novo modelo de sociedade.

5 CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou uma análise dos fatores relacionados ao processo ensino-aprendizagem de zoonoses no ensino fundamental. Através identificação das práticas dos docentes esta pesquisa permitiu uma melhor visualização sobre os problemas inerentes à educação em saúde nas escolas.

A escola não pareceu contribuir de forma significativa para que os estudantes adquiram conhecimentos sobre as enfermidades transmitidas pelos animais, o que já foi anteriormente evidenciado por FRAGA et al. (2007). Um dos motivos pode ser a deficiência observada no preparo dos professores para tratar os temas ligados à saúde pública, principalmente quanto à abordagem das concepções prévias dos estudantes. Além disso, notou-se que as condições socio-econômicas e

ambientais dos alunos e suas famílias são enfatizadas pelos docentes como barreiras para a educação em saúde nas escolas.

Obviamente, fatores como a falta de saneamento básico influenciam diretamente na saúde e na prevenção de doenças das pessoas. Porém, a educação em saúde pode ser trabalhada levando em consideração estes fatores, através, por exemplo, da conscientização sobre formas de reivindicação de melhores condições de vida na comunidade. Assim a questão social não impediria, e sim enriqueceria a forma de promover a saúde na sala de aula. A escola deve procurar atuar de forma mais intensa no âmbito da educação em saúde. A alfabetização científica e tecnológica (FOUREZ, 1994) tem o propósito de favorecer a compreensão de outros conhecimentos relacionados ao tema que está sendo trabalhado, fazendo com que o estudante consiga transcender as idéias debatidas em aula e seja capaz de estabelecer conexões com outros aspectos relacionados à saúde e também com outros domínios do conhecimento.

No contexto da alfabetização científica e tecnológica, Fourez (1994) sustenta que uma pessoa alfabetizada científica e tecnologicamente deve ser capaz de desenvolver algumas habilidades. A primeira delas seria a utilização de conceitos científicos para a adoção de decisões responsáveis para a sua vida. FOUREZ (1994, p. 62) enumera três finalidades para a alfabetização científica e tecnológica, considerando uma pessoa alfabetizada científica e tecnologicamente quando os saberes lhe fornecem “[...] uma certa **autonomia** (possibilidade de **negociar** suas decisões frente às pressões naturais ou sociais), uma certa **capacidade de comunicar** (encontrar as maneiras de ‘dizer’), e um certo **domínio e responsabilidade**, frente a situações concretas [...]”

O desenvolvimento destas habilidades por parte da população direcionadas para os temas relacionados às condições básicas de saúde poderá se obtido com o auxílio da escola. Mesmo com a deficiência apontada pelos professores em trabalhar os temas relacionados à saúde, a escola poderia atuar como um espaço de debate dos problemas de saúde enfrentados pela comunidade. É importante que os professores envolvam os pais e estudantes e incentive a reflexão crítica e participação da comunidade nas questões relacionadas à saúde.

A participação popular significa uma força social conquistar e impulsionar as mudanças necessárias (VALLA, 1998). “A democracia pressupõe o controle social das políticas públicas.” (BRASIL, 2002, p. 45). Através do controle social o coletivo atua sob a forma de mecanismos de controle das ações do Estado pela sociedade. A sociedade cria uma articulação e negociação e desempenha o exercício da reflexão e discussão de problemáticas que afetam a vida coletiva, atuando no acompanhamento e verificação das ações na execução das políticas públicas com foco no interesse coletivo.

O trabalho da escola com a comunidade deve estimular a ocupação espaços pela população buscando representações junto aos conselhos de saúde ou exigindo a efetiva participação do representante desta comunidade ou segmento junto aos órgãos representativos da sociedade. Com a ativação dos mecanismos de controle social a comunidade se tornará mais consciente de seu papel social, poderá discutir os problemas que a aflige e reivindicar seus direitos a condições mínimas de saúde a serem cumpridos por ação do poder público. Desta forma, a escola estará efetivamente contribuindo para a educação em saúde da população e com o exercício da cidadania.

6 REFERÊNCIAS

BORUCHOVITCH, E.; MEDNICK, B. Causal attributions in Brazilian children's reasoning about health and illness. **Rev. Saúde Pública**, v. 34, n. 5, p. 484-490, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente, saúde**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 128 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia do conselheiro: curso de capacitação de conselheiros estaduais e municipais de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. 165p.

- CITELI. Prefácio. In: MONTEIRO, S.; VARGAS, E. (orgs). **Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional: interfaces com o campo da saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- DABANCH, P. J. Zoonosis. **Revista Chilena de Infectologia**, n. 20, p. 47-51, 2003.
- DELARISSA, F. A. **Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal**. 2003. 407 f. Dissertação de mestrado em Psicologia e Sociedade - Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Assis.
- FOUREZ, G. **Alfabetización científica y tecnológica**. Buenos Aires: Colihue, 1994.
- FRAGA, L. dos S.; CARDOSO, K. M.; PFUETZENREITER, M. R. Concepções e comportamento de crianças em relação às zoonoses: a influência da família e da escola na educação em saúde. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 6., 2007, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2007. 1 CD-ROM.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GENNARI, S. M.; KASAI, N.; PENA, H. F. de J.; CORTEZ, A. Ocorrência de protozoários e helmintos em amostras de fezes de cães e gatos da cidade de São Paulo. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo, v. 36, n. 2, 1999.
- GIORDAN, A. Health education, recent and future trends. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 95, supl. 1, p. 53-58, 2000.
- GRINSZPAN, D. Educação em saúde e educação ambiental: uma experiência integradora. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 15, n. 2, p. 133-138, 1999.
- HEUKELBACH, J.; OLIVEIRA, F. A. S.; FELMEIER, H. Ectoparasitoses e saúde pública: desafios para o controle. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 5, p. 1535-1540, set.-out. 2003.
- IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2007**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1230&id_pagina=1> Acesso em: 15 mar. 2009.
- LEONELLO, V. M.; L'ABBATE, S. Health education in schools: an approach based on the curriculum and perception of undergraduate education students. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 10, n. 19, p. 149-66, jan./jun. 2006.
- MAGALHÃES, L. E. C. A educação no Brasil. **Victoria**, v. 1, n. 4, p. 34-37, 1996.
- MARCONDES, R. S. Educação em saúde na escola. **Revista de Saúde Pública**, v. 6, n. 1, p. 89-96, mar. 1972.
- MARQUES, E. P. **Educação, Saúde, Meio Ambiente e Políticas Públicas: o que pensam os professores?** Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, 2007.
- MARTINOV-CVEJIN, M.; LALOSEVIC, V.; PAVLOVIC, R. Knowledge of rabies in schoolchildren. **Medicinski Pregled (Novi Sad)**, v. 51, supl. 1, p. 47-50, 1998.

MOHR, A.; SCHALL, V. T. Rumos da educação em saúde no Brasil e sua relação com a educação ambiental. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 8, n. 2, p. 199-203, 1992.

MONTEIRO, S.; VARGAS, E.; CRUZ, M. Desenvolvimento e uso de tecnologias educacionais no contexto da AIDS e da saúde reprodutiva: reflexões e perspectivas. In: MONTEIRO, S.; VARGAS, E. (orgs). **Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional: interfaces com o campo da saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

ONYANGO-OUMA, W.; AAGAARD-HANSEN, J.; JENSEN, B. B. Changing concepts of health and illness among children of primary school age in Western Kenya. **Health Education Research**, v. 19, n. 3, p. 326-339, 2004.

ROCHA, H. H. P. Educação escolar e higienização da infância. **Caderno CEDES**, v. 23, n. 59, p. 39-56, abr. 2003.

SANTOS, K. A. dos; CICILLINI, G. A. A experimentação no ensino de ciências de 1ª a 4ª série. **Revista Eletrônica Horizonte científico**, n. 3, p. 1-27, 2004.

SANTOS, A. M. P. **Inovações no ensino de ciências e na educação em saúde: um estudo a partir do projeto Finlay**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

SÃO PAULO. Prefeitura do município de São Paulo. Secretaria Municipal da Saúde. Gerência de Vigilância Ambiental – Coordenadoria de Vigilância e Saúde. Centro de Controle de Zoonoses. **Criando um amigo: manual de prevenção contra agressões por cães e gatos**. São Paulo: CCZ, 2004. 30 p.

SCHROEDER, C. A importância da física nas quatro primeiras séries do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 29, n. 1, 2007.

TEIXEIRA, P. M. M. A educação científica sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica e do movimento C.T.S. no ensino de ciências. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 177-190, 2003.

TORTAJADA, J. F.; GARCÍA, J. A. O.; VERA, J. A.; MARTÍN, A. O.; CASTELL, J. G. Introducción: el niño y el medio ambiente. **Anales Españoles de Pediatría**, v. 56, n. 6, 2002.

VALLA, V. V. Educação, saúde e cidadania: investigação científica e assessoria popular. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 8, n.1, p. 30-40, Jan. /Mar. 1992.

VALLA, V. V. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. **Cad. Saúde Pública**, v. 14, n. 2, p.7-18, 1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Future Trends in Veterinary Public Health**. Report of a WHO Study Group, Geneva, 2002. 85p. (WHO Technical Report Series n. 907).

ZYLBERSZTAJN, A. Concepções espontâneas em física: exemplos em dinâmica e implicações para o ensino. **Revista de Ensino de Física**. v. 5, n. 2, p. 3-16, 1983.